

ÍNDICE

VOLUME I

| | |
|--|---------------|
| Introdução | p. 3 |
| <i>Objecto de Estudo</i> | <i>p. 11</i> |
| <i>Metodologia</i> | <i>p. 13</i> |
| <i>Questões</i> | <i>p. 15</i> |
| <i>Ainda a metodologia</i> | <i>p. 18</i> |
| <i>A importância da filosofia política</i> | <i>p. 19</i> |
| <i>A Passagem pela abordagem etnográfica</i> | <i>p. 20</i> |
| | |
| O QUE UNE OS HOMENS E O QUE OS PÕE EM CONFLITO | |
| | |
| Capítulo 1. O Que Une os Homens? | p. 27 |
| | |
| Subcapítulo 1.1. Sociedade como Força Moral Imperativa | p. 29 |
| <i>Princípio totémico e força religiosa</i> | <i>p. 33</i> |
| <i>Prestações sociais totais e princípio de igualdade na solidariedade</i> | <i>p. 37</i> |
| <i>O sagrado como princípio classificatório e de hierarquia</i> | <i>p. 45</i> |
| | |
| Subcapítulo 1.2. Ofertas com Retribuição Diferida e Procura da Interdependência dos Homens: cultivar os elos que unem os homens | p. 49 |
| <i>Como este espírito ou força, além de promover a circulação das coisas, liga as pessoas</i> | <i>p. 51</i> |
| <i>O enigma da terceira pessoa na explicação sobre o hau: a questão do princípio de circulação</i> | <i>p. 51</i> |
| <i>As prestações totais de tipo agonístico</i> | <i>p. 55</i> |
| <i>O Pottlatch no Alaska</i> | <i>p. 59</i> |
| <i>As primeiras formas de contrato</i> | <i>p. 65</i> |
| <i>Os elos que unem os homens</i> | <i>p. 67</i> |
| | |
| Subcapítulo 1.3. Da Alma à Pessoa | p. 73 |
| 1.3.1 Alma individual como parte da alma colectiva | <i>p. 73</i> |
| 1.3.2 Do nome como parte do totem à <i>persona</i> e aos direitos da pessoa individual | <i>p. 77</i> |
| | |
| Capítulo 2. Da Sociedade ao Indivíduo | p. 83 |
| | |
| Subcapítulo 2. 1. Da Comunidade à Sociedade de Indivíduos | p. 87 |
| 2.1.1 Preservar-se no mundo ou fora-do-mundo? | <i>p. 93</i> |
| <i>O indivíduo fora-do-mundo</i> | <i>p. 95</i> |
| <i>Foucault sobre o cuidado de si</i> | <i>p. 95.</i> |
| <i>Ascetismo estóico e “tecnologias do eu”</i> | <i>p. 97</i> |
| <i>Ascetismo dos primeiros cristãos</i> | <i>p. 102</i> |
| <i>Ainda sobre o ascetismo</i> | <i>p. 107</i> |
| 2.1.2 Da realeza sacral ao poder temporal da Igreja | <i>p. 111</i> |
| <i>As três ordens do feudalismo</i> | <i>p. 116</i> |
| <i>Carlos Magno – Um mandato social e um orçamento da Igreja para as tarefas de assistência</i> | <i>p. 124</i> |
| 2.1.3 Da expansão do poder temporal da Igreja Romana à emergência das esferas da política e do direito | <i>p. 131</i> |

| | |
|---|---------------|
| Subcapítulo 2.2. Religião, Responsabilidade Individual e Ética Profissional | p. 139 |
| 2.1.1. Da organização social em corpos profissionais à realização pessoal na profissão/Beruf | p. 155 |
| <i>Etimologia e contexto histórico de formação das profissões na Europa medieval</i> | <i>p.157</i> |
| 2.1.2 Doutrinas protestantes e ética puritana, | p. 161 |
| 2.1.3. (In)Dignidade do trabalho e realização de si na profissão | p. 171 |
| <i>Composição social dos movimentos protestantes ascéticos</i> | <i>p. 173</i> |
| 2.1.4. Dignidade da profissão e indignidade do trabalho indiferenciado | p. 175 |
| <i>A obrigação de trabalhar</i> | <i>p. 177</i> |
| A reabilitação para o trabalho ou o trabalho como reabilitação | p.183 |
| Incapacidade para o trabalho, exclusão social e reabilitação pelo trabalho | p. 187 |
| <i>O dever de enriquecer fazendo trabalhar os homens para glória de Deus</i> | <i>p. 191</i> |
| Em conclusão | p. 195 |
| | |
| Subcapítulo 2.3. Valores Diversos como Justificações de Diferentes Ordens Sociais | p. 201 |
| 2.3.1. O político e o social como esferas autónomas | p. 201 |
| <i>Hobbes ou Rousseau?</i> | <i>p. 201</i> |
| <i>O liberalismo contra o keynesianismo e o construcionismo social em geral</i> | <i>p. 215</i> |
| <i>Impossibilidade de fundar a sociedade na definição de um “bem comum”</i> | <i>p. 220</i> |
| <i>A liberdade ameaçada pela ideologia, ou o conflito inevitável?</i> | <i>p. 224</i> |
| 2.3.2. A impossibilidade de definir uma “organização óptima” da interdependência social torna o conflito ideológico inevitável | p. 227 |
| <i>A necessidade de intensificação da interdependência para a consolidação institucional das sociedades, confrontada com a impossibilidade de definir uma “Organização óptima” dessa interdependência</i> | <i>p. 227</i> |
| <i>A Inevitabilidade do Conflito Ideológico</i> | <i>p. 230</i> |
| 2.3.3 Os princípios da ordem social que podem justificar desigualdades justas, ou a inevitabilidade das disparidades a que leva a igualdade de oportunidades | p. 233 |
| <i>O imperativo de igualdade de oportunidades</i> | <i>p. 233</i> |
| <i>O carácter e, sobretudo, a vontade como factor de “justa” diferenciação entre os homens</i> | <i>p. 236</i> |
| <i>A Justificação da ordem social mercantil e os seus valores, ou como aquilo que faz a grandeza mercantil pode ser o fundamento de uma ordem social e de “desigualdades justas”</i> | <i>p. 238</i> |
| <i>Simpatia, consideração, amizade e reconhecimento</i> | <i>p. 247</i> |
| <i>Sobre o “espírito” (atitude) concorrencial</i> | <i>p. 249</i> |
| <i>Princípios conflitantes de justiça e ordem social</i> | <i>p. 252</i> |
| 2.3.4. A Economia autonomiza-se da Ética? | p. 253 |
| <i>O valor do trabalho concreto ou o trabalho abstracto como equivalente geral nas trocas?</i> | <i>p. 256</i> |
| <i>Lutas simbólicas em torno dos princípios de atribuição e reconhecimento da grandeza, e estrutura do espaço social</i> | <i>p.263</i> |
| Em conclusão | p. 265 |

| | |
|---|---------------|
| Subcapítulo 2.4 Eticidade na Interação e no Trabalho | p. 269 |
| 2.4.1 Formação cultural do indivíduo e da espécie humana | p. 269 |
| 2.4.2 Do reconhecimento da natureza alienada do trabalho assalariado à <i>praxis</i> emancipatória | p. 279 |
| <i>Trabalho como alienação</i> | p. 280 |
| <i>Trabalho como emancipação (auto-produção do indivíduo e auto-realização da espécie)</i> | p. 285 |
| <i>Filosofia da Praxis (modelo de exteriorização na dialéctica do sujeito e do objecto)</i> | p. 287 |
| <i>Eticidade e trabalho nos desenvolvimentos da Filosofia da Praxis</i> | p. 294 |
| 2.4.3 Divisão do trabalho, determinação do social pelo económico e individualização | p. 299 |
| <i>Individualização</i> | p. 299 |
| <i>Determinação pelo económico e pelo social (sobreestrutura, infraestrutura)</i> | p. 305 |
| <i>Esferas de actividade e de interacção social na Modernidade</i> | p. 307 |
| <i>Emancipação da fome e emancipação da humilhação</i> | p. 312 |
| <i>O trabalho artesanal e a expressão artística como modelos para a auto-realização e a praxis</i> | p. 314 |
| 2.4.4 Fim do trabalho, ou domínio do trabalho morto? | p. 317 |
| <i>Escassez relativa e “exclusão social”</i> | p. 320 |
| <i>Voltando à análise da natureza do trabalho e à pretensa superação da sociedade do trabalho</i> | p. 322 |
| <i>Da lei natural do valor à lei estrutural do valor numa economia simbólica em que o trabalho resgata a dominação, sendo trocado pelo sacrifício da vida</i> | p.324 |
| <i>Investimento na identidade para o mercado</i> | p. 330 |
| 2.4.5 Eticidade e racionalidade | p. 333 |
| <i>Eticidade e racionalidade na “acção comunicacional”</i> | p. 335 |
| <i>Eticidade, Estado e Razão</i> | p. 337 |
| | |
| Subcapítulo 2.5. Especialização, realização de si | p. 343 |
| <i>Durkheim teoriza o valor moral da especialização</i> | p. 344 |
| 2.5.1 Realização de si na formação da personalidade em «harmonia» com a sociedade | p. 351 |
| <i>Justiça social e legitimação: desigualdades justas</i> | p. 352 |
| <i>Correspondência entre personalidade, cultura e estrutura social</i> | p. 355 |
| <i>Conclusão da secção</i> | p. 376 |
| 2.5.2 Jogar e investir na identidade pessoal para um mercado de reconhecimento de identidades | p. 381 |
| <i>Identidade para si e identidade para o outro</i> | p. 387 |
| <i>As estratégias identitárias e cognitivas nas novas correntes da sociologia</i> | p. 395 |
| <i>A entrada no mercado do trabalho</i> | p. 396 |
| <i>Identidades profissionais e relações de poder nos contextos de trabalho</i> | p. 399 |
| 2.5.3. Em conclusão | p. 403 |
| <i>Sobre a realização de si</i> | p. 403 |
| <i>Sobre a desocultação como realização de si</i> | p. 405 |
| <i>Estratégias identitárias num mercado de reconhecimento de identidades</i> | p. 407 |
| <i>Ataque aos princípios do Estado social e desmantelamento da sociedade salarial</i> | p. 408 |

VOLUME II
PROFISSÕES, SABERES E CONFLITOS

| | |
|---|---------------|
| Capítulo 3. Profissões, Culturas e Saberes Profissionais em Campos Sociais | p. 415 |
| Subcapítulo 3.1. Profissão e Valores | p. 417 |
| 3.1.1 A Justificação funcionalista do valor social das “profissões” | p. 417 |
| 3.1.2 Abordagem interaccionista vs abordagem funcionalista das profissões | p. 421 |
| 3.1.3 Socialização profissional ou vocação? | p. 427 |
| <i>Socialização como construção do sujeito ou do indivíduo autónomo</i> | p. 429 |
| <i>O trabalho sobre outrem como vocação</i> | p. 433 |
| <i>Trabalho sobre outrem como realização de si</i> | p. 433 |
| 3.1.4 Conhecimento, autonomia e poder das profissões | p. 437 |
| <i>Profissionalização vs desprofissionalização e desqualificação</i> | p. 445 |
| Subcapítulo 3.2 Distribuição do Poder e do Saber em Campos de Práticas | p. 459 |
| Introdução | p. 459 |
| 3.2.1 Discursos como práticas | p. 463 |
| <i>Distribuição do poder e do saber em campos discursivos complexos</i> | p. 463 |
| <i>Distribuição Assimétrica de Poder e Campos Estratégico</i> | p. 463 |
| 3.2.2 Formações discursivas em campos de práticas | p. 465 |
| <i>Fronteiras e exclusões em campos de práticas discursivas</i> | p. 465 |
| <i>Pontos de incompatibilidade e de bifurcação num mesmo campo de possibilidades estratégicas</i> | p. 469 |
| <i>A analítica da finitude e a crítica da origem</i> | p. 475 |
| <i>Distribuição do poder e do saber em campos de práticas não discursivas</i> | p. 481 |
| <i>Ideologia</i> | p. 485 |
| 3.2.3 Modo de determinação das formações discursivas | p. 487 |
| 3.2.4 Transformações nas formações discursivas e substituição de epistemas | p. 493 |
| <i>Genealogia</i> | p. 497 |
| 3.2.5 Epistemas e regimes de verdade | p. 499 |
| 3.2.6 Vontade de poder e regimes de verdade: | p. 505 |
| <i>Da disciplina anatomo-política do corpo humano ao biopoder: a identificação de uma forma de poder que promove a vida</i> | p. 509 |
| <i>Uma ordem do desejo constituída pelo poder</i> | p. 519 |
| <i>Crítica de Habermas à concepção do poder por Foucault, e à sua pretensão crítica</i> | p. 529 |
| Subcapítulo 3.3 Campos Sociais e Luta pelo Poder Simbólico | p. 541 |
| <i>Habitus e razão prática</i> | p. 541 |
| <i>Campo (Bourdieu vs Foucault)</i> | p. 544 |
| <i>Poder “simbólico”, ideologia e legitimação</i> | p. 553 |
| <i>Legitimação da dominação e conflitos de legitimidade</i> | p. 559 |
| <i>Reflexividade conflitual e institucional</i> | p. 565 |
| <i>Lutas nos campos sociais e legitimação do princípio de classificação</i> | p. 568 |
| <i>Universalidade como valor e estratégias de universalização</i> | p. 571 |
| <i>Reflexividade conflitual e institucional no campo das ciências sociais</i> | p. 573 |

**Subcapítulo 3.4 Pedagogias como Objecto de Lutas pelo
Controlo Simbólico da Ordem Social** **p. 579**

| | |
|--|--------|
| <i>Ainda sobre o conceito de campo</i> | p. 579 |
| <i>Código</i> | p. 580 |
| <i>Distribuição do poder e do saber</i> | p. 582 |
| <i>Pedagogia</i> | p. 583 |
| <i>Dispositivos pedagógicos como objecto de lutas simbólicas</i> (Aquisição de princípios de classificação) | p. 583 |
| <i>Modalidades pedagógicas, formas de relação pedagógica e</i> <i>modalidades de discurso</i> | p. 587 |
| <i>Crítica de Bernstein ao “populismo pedagógico”</i> | p. 591 |

**Subcapítulo 3.5 Sobre as Ciências do Homem e da Sociedade
(O Lugar das Ciências da Educação)** **p. 593**

| | |
|---|---------------|
| 3.5.1 As ciências do homem e da sociedade na Reflexividade da Modernidade | p. 595 |
| <i>Reflexividade, Transparência, Mudança e Pensamento Contrafactual</i> | p. 600 |
| <i>Conflitualidade vs Reflexividade</i> | p. 606 |
| 3.5.2 As ciências do homem e da sociedade no epistema da Modernidade | p. 607 |
| <i>Reflexividade, conhecimento e sujeição dos homens</i> | p. 607 |
| <i>Três modelos para as Ciências do Homem</i> | p. 613 |
| 3.5.3 O Lugar das Ciências da Educação | p. 621 |
| <i>Da cientificidade no discurso sobre a educação</i> <i>através da Psicologia da Educação,</i> <i>à cientificidade da Pedagogia Experimental</i> | p. 625 |
| <i>A redefinição, por Durkheim, da ciência da educação</i> (<i>Relação da sociologia com a filosofia e com as “ciências morais”</i>) | p. 628 |
| <i>Papel da Sociologia no espaço das CE</i> (<i>da ciência da normatividade educativa ao fundamento do</i> <i>discurso crítico dos “desvios” da modernidade,</i> <i>e à sociologia da disputa</i>) | p. 632 |
| <i>Políticas educacionais do Estado e “igualdade de oportunidades”</i> | p. 633 |
| <i>Mudanças no discurso sociológico e novos objectos</i> | p. 637 |
| <i>O compromisso entre princípios de justificação</i> <i>nas situações educacionais</i> | p. 639 |
| <i>Sociologia da escuta, da interpretação e da elucidação da disputa</i> | p. 640 |
| <i>Sociologia da elucidação da disputa como</i> <i>sociologia da mediação e da tradução</i> | p. 645 |
| <i>Problemas epistemológicos na “sociologia da disputa e da tradução”</i> | p. 647 |
| 3.5.4 Efeito reflexivo dos estudos sobre a reprodução social na escola | p. 649 |

Subcapítulo 3.6 Uma Leitura e uma Posição no Campo **p. 659**

| | |
|---|---------------|
| <i>Um campo de acção, um campo de estudo, um campo discursivo, o lugar periférico dos professores no campo discursivo da educação.</i> | P.659 |
| <i>Uma posição no campo</i> | p. 659 |
| <i>Actor/reflexivo, observador/interpretador e investigador/teorizador como pretensas posições privilegiadas para a descrição</i> | p. 660 |
| <i>Histórias de Vida, Culturas Profissionais e Organizacionais, Identidade.</i> | p. 661 |
| <i>Trabalho de Campo com Crianças e</i> | |
| <i>Valorização da Aprendizagem não Escolar</i> | p. 661 |
| <i>Culturas Profissionais em Confronto numa</i> | |
| <i>Equipa de Educação Especial</i> | p. 661 |
| <i>Cultural Studies, Aprendizagem Situada, Construção do Saber</i> | |
| <i>Profissional e “Falar como um Doutor!”</i> | p. 662 |
| 3.6.1 Dos “nativos” aos “práticos” | p. 663 |
| <i>“Do ponto de vista dos nativos”</i> | p. 663 |
| <i>Fundir conhecimentos produzidos em campos diferentes?</i> | |
| <i>Mente Cultural e Mente Racional-Positiva: Articulação possível’</i> | p. 668 |
| <i>Writing Culture</i> | p. 669 |
| <i>Dos “nativos” aos “práticos”</i> | p. 671 |
| <i>Dos “nativos” a outras “vítimas” – a vocação marginal da</i> | |
| <i>antropologia e a construção de novos “espaços” e objectos de estudo</i> | p. 672 |
| <i>A participação na “grande máquina de escrever” (e de representar)</i> | |
| <i>da Pós-modernidade</i> | p. 673 |
| <i>Comunitário (e identitário) vs Societário (e estrutural)</i> | |
| <i>ou Antropologia vs Sociologia?</i> | p. 674 |
| 3.6.2 A participação nos conflitos de legitimidade e a questão da relação entre os planos e intencionalidades analítica e normativa das ciências sociais | p. 675 |

Subcapítulo 3.7 A Escola Pública como Instituição:

| | |
|--|---------------|
| A produção do sujeito autorregulado e automotivado | p. 677 |
| 3.7.1 Finalidades do sistema educativo, moral e pedagogia | p. 677 |
| 3.7.2 Da socialização escolar à crise nos processos e princípios de socialização | p. 683 |
| <i>Valores e princípios abstractos</i> | p. 688 |
| <i>O universal como valor</i> | p. 690 |
| <i>A “Lei” como valor</i> | p. 690 |
| <i>As virtudes “mágicas” do Programa Institucional</i> | p. 693 |
| <i>Do desconhecimento das contradições à sua manifestação</i> | p. 695 |
| 3.7.3 Radicalização do discurso educacional sobre o sujeito | p. 697 |
| <i>Práticas discursivas de construção do sujeito autorregulado</i> | p. 697 |
| <i>Crítica às práticas discursivas de construção do sujeito</i> | p. 703 |
| <i>Crítica ao construcionismo psicológico</i> | p. 707 |
| <i>Crítica às práticas de construção do sujeito nas actividades mais especificamente escolares</i> | p. 713 |

| | |
|---|---------------|
| Subcapítulo 3.8 Crise de Legitimação na Sociedade e Crise na Missão da Escola | p. 723 |
| 3.8.1 Declínio da instituição | p. 725 |
| <i>Declínio da instituição e crise da ideia de sociedade são inerentes à Modernidade</i> | p. 725 |
| <i>Precedência do sujeito no processo pedagógico</i> | p. 727 |
| 3.8.2 Legitimidade, autoridade, disciplina e motivação | p. 731 |
| <i>Disciplina e autoridade</i> | p. 731 |
| <i>Motivação</i> | p. 733 |
| <i>Relação, intrusão e necessidade de mediação</i> | p. 734 |
| <i>Dominação e responsabilização (pela obrigação de ser livre)</i> | p. 735 |
| <i>Relação vazia e sem mediação</i> | p. 740 |
| 3.8.3 Novos princípios de socialização? | p.741 |
| <i>Da regulação das expectativas, pela construção e negociação de papéis sociais, à automotivação e autorregulação ética (na prestação de um “serviço” a um “cliente” no quadro de uma organização)</i> | p. 741 |
| <i>A obrigação de afrontar livremente as provas de atribuição de grandeza para as quais se parte em desvantagem</i> | p.742 |
| <i>Socializadores e socializados partilham os mesmos problemas e constrangimentos</i> | p.745 |
| 3.8.4 Efeitos do declínio do programa institucional | p. 747 |
| <i>Efeitos do declínio do programa institucional nas características dos indivíduos,</i> | p.747 |
| <i>Nos alunos</i> | p. 747 |
| <i>Dubet sobre a motivação pela compreensão dos interesses</i> | p. 751 |
| <i>Sobre a avaliação e valor dos saberes e do trabalho</i> | p. 752 |
| <i>Os professores</i> | p. 754 |
| 3.8.5 Da instituição ao mercado, da socialização à clientela | p.755 |
| <i>Do trabalho de socialização como instituição ao trabalho num mercado de serviços a uma clientela</i> | p. 755 |
| <i>O trabalho de socialização como ofício</i> | p. 755 |
| <i>O trabalho sobre outrem como serviço a clientes</i> | p. 759 |
| 3.8.6 Caracterização das profissões de trabalho sobre outrém numa fase pós-institucional | p. 765 |
| <i>Perda do ofício na impossibilidade de objectivação do trabalho</i> | p. 768 |
| 3.8.7 Em conclusão | p. 775 |
| <i>Sobre as saídas para a crise do programa institucional que passam pela “democratização das instituições”</i> | p. 775 |
| <i>Sobre o ofício e a subjectividade na construção da competência ou da experiência</i> | p. 777 |
| <i>Sobre a construção do sujeito</i> | p. 779 |
| Subcapítulo 3.9. Saberes, Reflexividade e Racionalização da Cultura Profissional | p. 781 |
| <i>Abordagens sociológicas da reflexividade</i> | p. 781 |
| <i>Estilos e sentidos no uso do conhecimento abstracto</i> | p. 787 |

VOLUME III
RESISTIR AO CANTO DA ESCOLA INCLUSIVA

**Capítulo 4. Reflexividade Profissional
no Subcampo da Educação Especial** **p. 795**

| | |
|-------------------|---------------|
| Introdução | p. 795 |
| <i>Identities</i> | <i>p. 801</i> |
| <i>Glossário</i> | <i>p. 805</i> |

| | |
|--|---------------|
| Subcapítulo 4.1. Evolução do Subcampo da EE | p. 809 |
| 4.1.1 Contexto histórico da sua emergência | p. 809 |
| 4.1.2 Contexto histórico da sua fragmentação | p. 813 |
| 4.1.3 Contexto histórico do seu declínio | p. 815 |

**Subcapítulo 4.2. Reflexividade Interactiva e
Reflexividade Institucional no Desenvolvimento Profissional na EE** **p. 819**

| | |
|--|--------|
| 4.2.1. Formação Profissional Inicial (em contexto escolar) e Primeiras Experiências de Trabalho | p. 821 |
| 4.2.2. As Primeiras Experiências na Educação Especial (Centros de Educação Especial) | p. 823 |
| 4.2.3 Importância dos Grupos de Trabalho/Amizade e dos Cursos de Especialização na Constituição de uma Identidade de Educação Especial | p. 827 |
| 4.2.4 Saberes Tácitos, Saberes Técnicos, Incorporação e Explicitação de Saberes, e Saberes Prudenciais | p. 833 |
| Conclusão | p. 839 |

**Subcapítulo 4.3. Sentido do Trabalho de Educação Especial
em Vários Contextos** **p. 841**

| | |
|--|---------------|
| 4.3.1. Funcionamento da EEE de Sintra | p. 841 |
| <i>Dirigindo para a reflexividade</i> | <i>p. 853</i> |
| <i>Reflexão sobre “modelos de atendimento”</i> | <i>p. 855</i> |
| <i>Questionamento do significado de “sucesso educativo”</i> | <i>p. 861</i> |
| <i>Conclusão</i> | <i>p. 863</i> |
| 4.3.2. Reuniões multiprofissionais nos Centros de Saúde | p. 865 |
| <i>Contextos de trabalho como Contextos Narrativos</i> | <i>p. 865</i> |
| <i>O imperativo de intervenção e acompanhamento</i> | <i>p. 870</i> |
| a) <i>Intervenção Precoce</i> | <i>p. 874</i> |
| b) <i>Sinalizações</i> | <i>p. 876</i> |
| c) <i>Intervenção e Acompanhamento</i> | <i>p. 882</i> |
| <i>Duas Histórias de Sucesso (Narratividade no acompanhamento de longa duração)</i> | <i>p. 885</i> |
| 4.3.3 Construção do Sentido do Trabalho Pedagógico | p. 889 |
| <i>Sentido Terapêutico e Sentido Pedagógico nas “Actividades Ocupacionais”</i> | <i>p. 891</i> |
| <i>Comparação entre o trabalho dos docentes e os trabalhos de outros profissionais</i> | <i>p. 896</i> |

| | |
|---|----------------|
| Subcapítulo 4.4. Reflexividade Institucional, Narratividade e Conflitos de Legitimidade na EE | p. 901 |
| 4.4.1. Consciência Discursiva da Produção de Si e da Técnica na Relação | p. 905 |
| 4.4.2. Da Narratividade à Reflexividade Institucional | p. 909 |
| <i>Lógicas/dimensões da acção</i> | p. 909 |
| <i>Um posicionamento crítico</i> | p. 911 |
| 4.4.3. Reflexividade institucional numa EEE | p. 915 |
| 4.4.4 Reflexividade, campo social e cultura profissional | p. 921 |
| <i>Posições no campo, conceitos e reflexividade</i> | p. 921 |
| <i>Reflexividade institucional como objectivação das posições nos campos sociais e participação nos conflitos de legitimidade</i> | p. 922 |
| <i>Reflexividade institucional, capacidade social (poder) e cultura profissional</i> | p. 923 |
| | |
| Capítulo 5. As Crianças com Discapacidades e as Mudanças na Escola | p. 927 |
| | |
| Introdução | p. 927 |
| <i>Conceitos e Fundamentos</i> | p. 931 |
| | |
| Subcapítulo 5.1 Necessidades Educativas Especiais (NEE) Uma Reformulação Conceptual na EE | p. 937 |
| | |
| Subcapítulo 5.2 Inclusão versus Integração | p. 943 |
| <i>Das práticas de integração, à retórica da Inclusão/Escola Inclusiva</i> | p. 945 |
| <i>Comparação dos referenciais teóricos</i> | p. 947 |
| <i>Diferenciação pedagógica</i> | p. 951 |
| <i>Educação inclusiva como um movimento social</i> | p. 953 |
| <i>Uma política educacional inclusiva por iniciativa da administração num território canadiano</i> | p. 957 |
| <i>A “resistência” dos professores de Educação Especial à orientação inclusivista</i> | p. 965 |
| | |
| Subcapítulo 5.3 Posições moderadas e críticas em relação à inclusão | p. 973 |
| <i>Posições flexíveis e críticas sobre a integração/inclusão</i> | p. 979 |
| | |
| Subcapítulo 5.4 Reafirmação da Instrução | p. 991 |
| | |
| Subcapítulo 5.5 Categorização e valor das diferenças | p. 1007 |
| 5.5.1 Identificação/Categorização, | p. 1009 |
| 5.5.2 O Nivelamento das Diferenças na Valorização da Diferença | p. 1017 |

Subcapítulo 5.6 O discurso da “inclusão” e as políticas do controlo social da “exclusão” **p. 1023**

| | |
|--|----------------|
| <i>«A escola inclusiva feita com uma comunidade inclusiva numa (e para uma) sociedade inclusiva»,</i> | <i>p. 1025</i> |
| <i>A “underclass” e a “exclusão social”</i> | <i>p. 1027</i> |
| <i>Da noção de “exclusão” ao imperativo de “inclusão” como missão para a escola</i> | <i>p. 1035</i> |
| <i>Articulação da legitimação pela “igualdade de oportunidades” com a valorização da diversidade pela “escola inclusiva”</i> | <i>p. 1039</i> |
| <i>Compromisso, ambiguidade e “ressemantização”</i> | <i>p. 1041</i> |
| <i>O discurso da inclusão e a definição organizacional dos problemas da educação</i> | <i>p. 1050</i> |
| <i>Da análise crítica, à necessidade de apresentação de alternativas numa atitude positiva</i> | <i>p. 1057</i> |
| <i>A especificidade do discurso da inclusão</i> | <i>p. 1061</i> |
| <i>O discurso da inclusão e a “cidade por projectos”</i> | <i>p. 1065</i> |
| <i>Considerações finais</i> | <i>p. 1067</i> |

Referências Bibliográficas **p. 1069**

VOLUME IV

(Anexos)

Nós: História de uma Equipa de Educação Especial